

# HERÁCLITO E HERACLITISMO NO CRÁTILLO DE PLATÃO

HERACLITISM AND HERACLITUS IN PLATO'S *CRATYLUS*

BUARQUE, L. (2015). Heráclito e heraclitismo no *Crátilo* de Platão.

Archai, n. 15, jul. – dez., p. 135-141

DOI: [http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X\\_15\\_13](http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X_15_13)

**RESUMO:** Este artigo aborda o tratamento dado por Platão, no diálogo *Crátilo*, a certos temas heraclíticos. A partir de uma análise da refutação da personagem *Crátilo* por Sócrates, que ocorre ao final do diálogo, pretende-se mostrar o jogo explícito e implícito com o chamado 'fluxo heraclítico' e a 'unidade dos contrários' que o autor Platão é capaz de forjar. Jogo que faz com que, por fim, Sócrates capture *Crátilo* com a ajuda da armadilha criada por seus próprios argumentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Crátilo*, nomes, heraclitismo, fluxo, Platão.

**ABSTRACT:** This paper develops the treatment given by Plato to certain Heraclitic subjects in the *Cratylus*. Beginning with an analysis of the refutation of the character *Cratylus* by Socrates, which occurs at the end of the dialogue, it aims to approach the explicit and implicit game with the so called 'Heraclitean flux' and 'unity of the opposites' which Plato, as an author, is capable of forging. Game that is responsible, in the end, for Socrates capturing *Cratylus* with the trap made by his own arguments and conceptions.

**KEYWORDS:** *Cratylus*, names, Heraclitism, flux, Plato.

Luisa Buarque\*

\* Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil - [luisa.severo@terra.com.br](mailto:luisa.severo@terra.com.br)

1 Agradeço aos alunos do curso de pós, 2013/1, Tópicos Especiais de Filosofia da Linguagem, sem cujas sugestões este texto não existiria. Agradeço também, e muito especialmente, ao Carlos Lévy pelos valiosíssimos comentários e sugestões.

Quando se trata de rastrear a importância de Heráclito para o diálogo *Crátilo*, logo se depara o intérprete com um célebre problema: estava ou não o autor Platão ciente das possíveis divergências entre o obscuro texto de Heráclito e as suas mais disseminadas interpretações, muito frequentemente reduzidas quase que inteiramente ao tema do 'tudo flui'? Em realidade, tal pergunta perpassa as várias obras de Platão em cujos contextos o pensamento de Heráclito é mais detidamente examinado, tais como o *Teeteto*, por exemplo. Isso ocorre porque, ao que parece, há nelas uma espécie de jogo com o peso que Heráclito adquirira em todo o subsequente pensamento filosófico, e com a denúncia da leitura que seus 'representantes', isto é, aqueles que adotam seu ponto de vista, haviam feito a respeito do pensamento do mestre. No *Crátilo*, isso ocorre por meio de uma espécie de hipótese do pensamento heraclítico: à medida que a importância do tema do fluxo aumenta no diálogo, diminui a importância de Heráclito em particular para a obra. O Efésio, aliás, nunca está sozinho ao afirmar que tudo se transforma incessantemente. O que se revela aos poucos é que a quase totalidade da cultura grega já era heraclítica *avant la lettre* – uma leve troça, quase uma acusação de plágio bem de acordo com o peculiar tom cômico do diálogo em questão – de modo que toda vez que

se introduz a questão do fluxo é por meio de um plural, de um coletivo, da menção a um grupo (cf. 402a3, com “Heráclito a ensinar velhas máximas do tempo de Reia e Crono, que já tinham sido ditas por Homero”<sup>2</sup>, mas também 411b-c e 440c2).

No entanto, não é apenas no tema do fluxo, reconhecido por ser o mais marcadamente heraclítico aos ouvidos da época, que o diálogo se detém. Antes de mais nada, trata-se de um diálogo sobre *ta onomata*, os nomes, as palavras significativas em geral, e sobre sua relação com as coisas extra-linguísticas, e tal tema também parece ter sido tratado por Heráclito, bem como herdado por seus seguidores (os três exemplos mais célebres, dentre os fragmentos de que dispomos, são: Fragmento LXVII, “Deus: dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, saciedade-fome, mas se altera como o fogo quando se confunde à fumaça, recebendo um nome conforme o gosto de cada um”, Fragmento XXXII, “Um, o único sábio, consente e não consente em ser chamado pelo nome de Zeus”, e Fragmento XLVIII, “O nome do arco, vida; sua obra, morte”<sup>3</sup>). Ora, é precisamente nesse ponto que une a possibilidade de nos perguntarmos acerca das coisas que nos rodeiam com o exame das palavras que usamos para designá-las que se encontra o foco de Platão nesse diálogo que, não por acaso, é homônimo do mais conhecido dos ultra heraclíticos. Minha proposta aqui, para dizê-lo brevemente, é focar a atenção mais particularmente em Crátilo, tomado como representante da classe dos heraclíticos, e tentar mostrar que tal personagem é submetida, no diálogo platônico, a um tipo bem específico de *elenchos*; e, finalmente, que esse processo elêntico centra-se precisamente no problema da relação entre a linguagem e um mundo que flui. Esse *elenchos*, ademais, terá grandes consequências para a sua vida, caso aceitemos (não necessariamente como historicamente correta, mas ao menos como suficientemente conhecida por Platão) a anedota aristotélica que conta que Crátilo, a certa altura da vida, pára de falar e apenas aponta para os objetos (supostamente por ter-se tornado mais heraclítico do que Heráclito, ao concluir que sequer uma única vez é possível entrar no mesmo rio). O que essa personagem escolhida - literalmente a dedo - por Platão para dar título ao diálogo tem a nos dizer? E

que relação possui a posição sustentada por ela em relação ao tema dos nomes com os fragmentos de Heráclito que possuímos hoje? Essas são as indagações que me guiarão ao longo do presente texto.

Ora, sabemos todos que Crátilo sustenta, desde o início do diálogo, haver uma correção, ou justeza, natural dos nomes. Ao longo de todo o texto, ele mantém firmemente a posição de que qualquer nome é naturalmente adequado para a coisa a que se refere, se for de fato um nome. Além disso, o jovem não fala muito, como já foi amplamente notado. Não explica a sua posição, expressa-se como que por meio de oráculos - obscura e enigmáticamente, emulando talvez o seu mestre Heráclito. Cabe primeiro a Hermógenes, depois a Sócrates, a explicação da posição de Crátilo, e nunca ficamos suficientemente informados quanto a se o jovem de fato pensava aquilo tudo, ou se finge já haver pensado o que Sócrates argumenta, aproveitando-se de tal argumentação para corroborar suas incipientes hipóteses. Mas o fato é que, como também já foi amplamente notado, a posição de Crátilo acerca dos nomes casa mal com o heraclitismo que ele é conhecido por professar, e que de fato professa durante boa parte do diálogo. Como alguém que afirma que tudo muda constantemente pode sustentar simultaneamente que as palavras - fixas - se assemelham naturalmente a coisas que, segundo ele mesmo, nunca estão fixas?

Uma hipótese para solucionar tal problema é afirmar, com Sedley e Ademollo, que o jovem Crátilo com que nos deparamos inicialmente não é ainda heraclítico, e vai passando a crer na teoria do fluxo ao longo do diálogo<sup>4</sup>. Essa hipótese é, inclusive, bastante interessante para a presente argumentação, mas não necessária. Admitamos por enquanto, como se costuma fazer, que Crátilo já demonstrava ‘tendências heraclíticas’, digamos, e que Sócrates aborda o problema do fluxo justamente por causa disso. Ainda assim, parece-me que a observação sobre a incoerência entre a fixidez das palavras e a transformação das coisas é lançada para o diálogo de trás para diante, ou seja, da conclusão para o começo. Ela não se coloca e não precisa se colocar na parte inicial da obra. E isso, não porque lá não haja Heráclito nem heraclitismo (de fato não há,

2 Cito sempre a tradução de Carlos Alberto Nunes.

3 Para Heráclito, cito sempre a tradução de Alexandre Costa.

4 Ademollo (2011, p. 487); Sedley (2003, p. 171).

mas o próprio Sócrates não tardará a introduzi-los, em 401d), mas sim porque, mesmo quando passa a haver, essa presença não gera a esperada contradição entre a noção de um fluxo inconstante *versus* palavras constantes. A solução para esse problema que não se põe é simples: as palavras são fixas, mas dizem fixamente que tudo passa. Todas elas, quando avaliadas etimologicamente, nos informam uma única coisa, a saber, que nada fica, que tudo se esvai, que tudo corre e flui. E como elas o fazem efetivamente durante a chamada parte etimológica? Ora, de um lado, as palavras que designam coisas excelentes e belas exprimem a necessidade do fluxo; de outro, aquelas que designam coisas vis exprimem a estagnação e tudo o que, em geral, faz obstáculo ao fluxo incessante. Essa é a conclusão que predomina ao longo de boa parte da conversa entre Sócrates e Hermógenes, e o silêncio de Crátilo nesse contexto parece ser o silêncio arrogante e impertinente de quem pensa: “eu não disse”?

Todavia, insistamos ainda na tantas vezes formulada pergunta: por que Crátilo fala tão pouco? Muitas razões são apontadas para isso, todas elas plausíveis: ele não é capaz de justificar aquilo que sustenta, quer dissimular a ignorância com um silêncio aparentemente sugestivo etc.<sup>5</sup>. Eu gostaria de acrescentar a elas uma outra explicação, que me interessa aqui justamente para melhor esclarecer o que me parece ser o percurso da personagem ao longo do diálogo, bem como aquilo que eu estou chamando aqui de um *elenchos* bem peculiar. Ora, Crátilo fala tão pouco, dentre outros motivos, porque não precisa falar, já que as palavras dizem tudo por ele<sup>6</sup>. Basta saber examiná-las. O que eu quero dizer é o seguinte: em um mundo cratílico, onde os nomes são naturalmente corretos, porque sempre semelhantes às coisas que designam, bastam os nomes. Não são necessárias explicações adicionais, pesquisas, definições, perguntas, muito menos dialética. Pronunciar um nome já é, ao menos para o bom entendedor, revelar de uma vez por todas a essência das coisas, de modo que os discursos ficam tão curtos quanto a quase monossilábica resposta inicial de um Crátilo que tanto demora a entrar na conversa, e cujas afirmações também já eram econômicas antes da chegada de Sócrates (como indica

o resumo que Hermógenes faz da discussão prévia que os dois jovens haviam travado). Dito de outro modo, Crátilo fala pouco porque, para ele, tudo o que se pode dizer já está dito nos nomes das coisas. Nomear é suficiente para descobrir, conhecer, aprender e instruir sobre a natureza movente (*kinesis*) do ente nomeado, e sobre a natureza mutante (*alloiosis*) dos entes em geral.

Quando finalmente for invocado à cena, entretanto, Crátilo será posto contra a parede<sup>7</sup>; Sócrates irá lhe mostrar, por meio de uma série de passos importantes, que seu pensamento não é suficientemente bem fundado, a ponto de não sucumbir à refutação filosófica. O primeiro passo será atacar a compreensão de semelhança que permeia a explicação cratílica das palavras. Como visto antes, para Crátilo, os nomes são naturalmente corretos porque semelhantes às coisas que designam, na exata medida em que são capazes de informar sobre suas naturezas. E mais: se são semelhantes, simplesmente o são e todos podem reconhecer tal semelhança; correspondentemente, se são diferentes, simplesmente não são os nomes das coisas, pois dessemelhanças não são adequadas para informar. Brevemente: ou bem o nome é semelhante e nomeia, ou bem é diferente e não nomeia. Antes de mais nada, portanto, Sócrates irá mostrar a Crátilo que a noção de semelhança comporta graus, isto é: uma imagem pode ser mais ou menos similar ao original a que remete, sem que com isso deixe de ser uma imagem.

Esse ponto da demonstração é essencial porque, se uma palavra for apenas fracamente semelhante à coisa que designa, então dar-se-á o caso de que, enquanto imagem mal-formada, ela precisará de retoques, ou seja, de análises e de exames. A estratégia de Sócrates em tal ocasião consiste em, propondo uma forte analogia entre palavras e pinturas, tentar fazer Crátilo admitir que os nomes, enquanto imagens, podem ser belos, contendo todos os elementos necessários para informar acerca da natureza do ente designado, ou feios, não contendo todos os elementos em questão, mas nem por isso deixando de ser nomes (431d). E a resposta de Crátilo consiste em retrucar que, quando trocamos (acrescentando, subtraindo ou deslocando) a letra de um nome, não escrevemos mais o mesmo nome,

5 Cf., por exemplo, Nightingale (2006).

6 Não quero insistir aqui numa coerência da personagem, como se ela já houvesse pensado no método etimológico e chegado à conclusão de que as palavras falam por si. Penso muito mais em uma coerência dramática relativa ao diálogo, que inclui o delineamento de um percurso dramático da personagem. Trata-se, ao fim e ao cabo, de uma posição que também acaba por ser problematizada por Sócrates, independentemente do fato de ela poder ser atribuída a Crátilo desde o início, ou apenas após ele passar a desposá-la, a partir da própria demonstração socrática.

7 É importante lembrar que isso só ocorre após o próprio Hermógenes ter sido questionado, e ter sido refutado um relativismo possivelmente ligado à sua posição convencionalista e contratualista.

Ou seja: há um desenho nas refutações socráticas do *Crátilo* que coincide com o movimento dramático do diálogo, e corresponde à sua estrutura. Aqui, tentarei esmiuçar especificamente o *elenchos* de Crátilo, sendo necessário, portanto, deixar de lado o *elenchos* de Hermógenes.

Mas registro que a obra como um todo é caracterizada por uma justaposição de dois *elenchoi* em um movimento de ascensão.

e sim um outro nome (432a). Caso extremo, mas plausível (no reino dos nomes próprios, dá-nos Ademollo um exemplo interessante: Creon que vira Cleon pela simples substituição de uma letra por outra).

Porém, a resposta de Sócrates a tal colocação nada banal é exemplar. Talvez não no que diz respeito ao detalhe da possibilidade de se escrever uma palavra apenas retirando, adicionando ou trocando uma letra de outra palavra, mas sim no que tange justamente ao heraclitismo. Diz Sócrates (432a10-b6): “É bem possível que se passe conforme dizes com o que só existe necessariamente, ou não existe, por meio de números. O número dez, por exemplo, ou outro qualquer que te aprouver: se acrescentares ou suprimires alguma coisa, tornar-se-á imediatamente outro número; mas no que diz respeito à qualidade ou à representação geral da imagem, não tem aplicação o que dizes, porém o contrário, não havendo absolutamente necessidade de serem reproduzidas todas as particularidades do objeto, para que se obtenha a sua imagem”. Como escreve L. Palumbo, parafraseando essa mesma passagem:

Neste ponto Sócrates reprova Crátilo por confundir entes cujo ser depende da qualidade com entes cujo ser depende da quantidade. No último caso, uma variação, por menor que seja, os transforma em outro. No primeiro caso, uma variação pequena deixa-os serem o que eram, e a imagem pertence a este caso.<sup>8</sup>

Ora, talvez seja lícito afirmar que, se aplicada ao problema da mudança incessante dos entes, a afirmação socrática teria ensinado a Crátilo - caso ele estivesse disposto a ouvi-la - que não é pelo fato de que um ente se transforma qualitativamente que ele deixa automaticamente de ser o que é, merecendo um outro nome. Ou, ainda mais resumidamente: seria preciso fazer distinção entre a alteração (*alloiosis*) por quantidade (*poson*) e a alteração por qualidade (*poion*). E mais: é sobretudo pelas qualidades que as similaridades se fazem ver, e, portanto, é por elas que uma coisa pode ser a imagem de outra (daí ser esse comentário uma primeira lição sobre a natureza da imagem)<sup>9</sup>.

Valeria também perguntar, embora Sócrates ainda não formule tal questão explicitamente aqui: quando é que uma mudança qualitativa é tão grande

a ponto de gerar, não a mesma qualidade em outro grau, nem a mera omissão da referida qualidade, mas a própria qualidade oposta? Em outras palavras: quando é que uma semelhança enfraquecida se torna uma diferença integral, dando lugar à contrariedade? (Seria possível evocar aqui, a título de ilustração da pertinência do tema para Heráclito, o fragmento LXXXVIII: “O mesmo é vivo e morto, acordado e adormecido, novo e velho: pois estes, modificando-se, são aqueles e, novamente, aqueles, modificando-se, são estes”). Este assunto aparecerá um pouco adiante na manobra refutativa de Sócrates, e aparentemente de modo incidental; mas antes de chegar a ele é mister prosseguir no rastreamento de seus argumentos.

Após haver formulado o comentário a propósito dos graus de semelhança e da natureza qualitativa da imagem, Sócrates ilustrará a sua explicação com o célebre exemplo dos dois crátilos, onde, além do que havia sido observado antes, será também demonstrado que graus de semelhança são ao mesmo tempo graus de diferença. Ou seja, qualquer imagem, para ser imagem, tem de ter sempre alguma distinção em relação ao original, e, conseqüentemente, não será nunca uma restituição perfeita do mesmo. Por um lado, seria possível afirmar que, sendo imperfeita com relação ao original mas remetendo a ele, a imagem será necessariamente insuficiente. No entanto, é importante esclarecer: ela será insuficiente se encarada como um original enfraquecido. Se encarada como o que é, a saber, como imagem, faz-se mister perceber justamente que ela precisa guardar diferenças, por ser outra (e deparamo-nos aqui com uma segunda lição sobre a natureza da imagem: se fosse idêntica, ela perderia seu caráter imagético e tornar-se-ia um ídem, um redobro, um duplo da coisa).

Retornando agora, finalmente, para o tema dos nomes: se Crátilo continuar sustentando, como continuará até o final, que os nomes são imagens, então a conclusão é que, como toda imagem, eles serão eventualmente insuficientes, exigindo explicações adicionais. E nem por isso, evidentemente, deixam de ser nomes, como a imagem de Crátilo continua sendo a sua imagem mesmo que não contenha em detalhes todos os elementos que o próprio Crátilo contém (mais do que isso, é preciso corroborar: essa é a condição *sine qua non* para a imagem de Crátilo

8 Palumbo (2013, p. 9).

9 O que leva a pensar que, de alguma forma, o raciocínio postula implicitamente que todas as mudanças qualitativas pelas quais algo pode passar sem que se destrua inteiramente podem ser tomadas como imagens distintas de uma mesma coisa. Poder-se-ia considerá-lo como um passo platônico em direção a um certo essencialismo ausente do texto heraclítico? Seria um tema a se pensar, também sugerido pelo Crátilo.

10 É importante lembrar que essa discussão tem em vista o problema dos *prōta onomata*, os nomes primários, os átomos linguísticos, digamos assim, a partir dos quais as palavras se formam, por aglutinação e também por deformação. Esses nomes primários foram submetidos, ao longo do tempo, a transformações e deformações. Como me alertou C. Lévy, é possível pensar que há uma espécie de fluxo das palavras a partir de um ponto inicial (outro passo em direção a um certo essencialismo?). O *prōton onoma* é como o enraizamento da linguagem, seu solo arcaico.

11 Essa é, evidentemente, uma menção ao Fragmento LVII, “Mestre de quase todos, Hesíodo; estão convencidos de ele saber a maioria das coisas, alguém que não reconhecia dia e noite, pois é um”. Mas também poderíamos evocar uma série de outros fragmentos, tais como o LXXXVIII, “O mesmo é vivo e morto, acordado e adormecido, novo e velho: pois estes, modificando-se, são aqueles e, novamente, aqueles, modificando-se, são estes”, e o X, “Conjunções: completas e não-completas, convergente e divergente, consonante e dissonante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas”.

12 Conforme sugestão de Antonio Queirós.

13 Não posso deixar de mencionar aqui as possíveis palavras cratísticas de Caetano Veloso em ‘Outras Palavras’, tais como “guerrapaz, ciumortevida, frúture, homenina” etc.

14 É claro que seria possível apelar (como fizeram outros autores pré-socráticos) para a noção de predominância: indica-se o que predomina a cada momento. Mas me parece ser exatamente isso que está implicado na brincadeira do *skleron*, termo que, como apontam alguns comentaristas, sai no empate. Não predomina ali nem a dureza, nem a maciez, nem o *rho* nem o *lambda*, de tal modo que até mesmo o domínio é posto de lado. E esse tema será abordado quando Sócrates, logo mais, comparar o problema de decidir qual das duas concepções rivais indicadas pelos nomes da língua grega está correta com concorrentes em disputa eleitoral. Devemos decidir pela contagem de votos? Parece que, no referido caso, ver o que predomina, conhecer a maioria, não serve como método adequado para decidir acerca do problema.

ser uma imagem, e não um segundo Crátilo; não é apesar das diferenças que a imagem é imagem, mas precisamente por causa delas). É o que Sócrates vai argumentar em 433b, onde mostra muito claramente que, ou bem Crátilo admite que o nome, enquanto imagem, pode ser um mau nome e nem por isso deixa de nomear, ou bem ele precisará renunciar à afirmação de que o nome é uma imagem da coisa que designa. Crátilo, no entanto, não é o tipo de interlocutor que se deixa convencer facilmente. Apesar de ter concordado com os passos do raciocínio, ele não aceita a sua conclusão. Responde com um firme e convicto: “Creio que não vale a pena, Sócrates, prosseguirmos, pois repugna-me chamar de nome o que é malformado” (433d1). Como indica a resposta, tudo flui menos o imóvel Crátilo, que continua agarrado sempre à mesma visão e não se deixa convencer pela argumentação socrática.

Não obstante, o próximo passo será fatal para o quase inalterável interlocutor socrático. Tomando o exemplo do substantivo *sklerotes* - que logo é substituído pelo adjetivo *skleron* - e recordando uma parte anterior da discussão à qual Crátilo havia assentido integralmente, a saber, aquela onde Sócrates mostrara a Hermógenes que os elementos das palavras (letras) de alguma maneira indicam certas qualidades das coisas designadas (por exemplo, o ‘í’ indica a sutileza, o ‘ó’ a circularidade etc.), as personagens percebem que o termo em questão possui uma contradição interna: um *lambda* e um *rho*, sons que servem para evocar, respectivamente, a maleabilidade e a dureza<sup>10</sup>. Uma só palavra contém em si o áspero e o macio. Não se trata mais apenas de não conter todos os elementos necessários para informar a respeito da natureza da coisa designada - no caso de *sklerotes* a dureza - mas trata-se de fornecer informações contraditórias, como o retrato de um que se pareça mais com o outro, ou ainda, um retrato metade homem, metade mulher (retrato o exemplo de Ademollo). Agora não estamos mais apenas diante de uma semelhança fraca, estamos diante de uma diferença integral, de uma oposição, de uma contrariedade. O que nos sugere esse oxímoro, em termos heraclíticos? Ora, talvez signifique, em certo sentido e grosso modo, o cerne do problema da harmonia e unidade dos contrários. Não são, afinal,

dia e noite um e o mesmo?<sup>11</sup> *Skleron*: trata-se de uma palavra heraclítica<sup>12</sup>, na medida exata em que contém ao mesmo tempo a si mesma - isto é, seu significado ordinário, a dureza e asperidade - e o seu sentido contrário, a maciez e a maleabilidade.

E, não por acaso, é justamente na armadilha da mais heraclítica de todas as palavras - porque não diz apenas o dessemelhante, mas mesmo o diverso, a completa alteridade que para um heraclítico continua sendo o mesmo - que Crátilo terá forçosamente de cair. Porque agora, para saber a quem atribuir esse retrato andrógino, para saber que estamos falando disso e não daquilo (neste caso de dureza e não de maciez), ele não tem mais a quem recorrer, senão ao costume ou hábito (*ethos*). Essa brecha que se abre em sua porta é suficiente para que invadam a festa também, junto com o costume, muitos outros intrusos, a saber, todos os componentes do vocabulário hermogênico elencados no início do diálogo: a convenção (*suntheke*), o acordo (*homo-logia*) e a lei (*nomos*). Trocando em miúdos: para ser extremamente coerente também com a afirmação heraclítica de que tudo é um, Crátilo só poderia empregar palavras do tipo de *skleron*. Segundo a brincadeira socrática, todo heraclítico digno desse patronímico deveria recorrer apenas a palavras-oxímoros<sup>13</sup>. Só assim uma coisa e seu contrário estariam simultaneamente indicadas, guardando uma certa fidelidade à natureza dos entes designados. Mas nesse caso já não se saberia com certeza se uma palavra-imagem é decididamente imagem de uma coisa, e não de outra; qualquer imagem pode ser imagem de qualquer coisa, e a convenção é necessária para determinar a que original devemos atribuir cada uma; dito de outro modo, nunca se saberia exatamente de que se está falando a cada vez, e apenas a convenção seria capaz de sanar a dúvida e, por meio de um acordo, compreender o que o outro tem em mente ao pronunciar um determinado termo<sup>14</sup>. Em suma: Sócrates é responsável aqui por mostrar a Crátilo, implicitamente, que ele não está sendo suficientemente heraclítico ao sustentar que há uma estabilidade do fluxo, e que as palavras podem indicá-la. Agora, Crátilo é levado a pensar que, para serem naturalmente semelhantes à realidade, todas as palavras deveriam ser como *skleron*. E, no

entanto, essa mesma admissão faz ruir a sua posição inicial, já que o que é naturalmente semelhante a uma coisa é também naturalmente semelhante ao seu contrário, e todas as palavras podem ser simultaneamente aplicadas àquilo e ao contrário daquilo, a Hermógenes e ao outro de Hermógenes, a Crátilo e ao outro de Crátilo, e assim por diante.

Essa demonstração apenas implícita no passo do *skleron* se tornará finalmente explícita em 440a-e, passagem que consiste em um socrático golpe final a realmente silenciar o jovem Crátilo. Ali, Sócrates, mostrará finalmente para seu interlocutor que não basta falar pouco ou escolher as palavras certas. Para ser coerente, é preciso calar. Os passos são breves. Em primeiro lugar, ainda em 439e: o que **nunca** se encontra no mesmo estado não pode ser alguma coisa, e, correspondentemente, o que é o mesmo (o que é alguma coisa, o que é algo) não pode transformar-se inteiramente sem deixar de ser o que era<sup>15</sup>. Em seguida: isso que se transforma nunca poderá ser conhecido por ninguém, pois “no instante preciso em que o observador se aproximasse dele para conhecê-lo, ele se transformaria noutra coisa diferente (*allo kai alloion*), de forma que não se poderia conhecer a sua natureza ou o seu estado” (440a1-3). É importante notar que esse passo do argumento se apóia sobre a imediatamente anterior afirmação de que qualquer coisa que nunca<sup>16</sup> se mantivesse no mesmo estado estaria se tornando algo qualitativamente distinto no instante mesmo em que um conhecedor tentasse conhecê-lo. E que essa integral mudança qualitativa implicaria também uma mudança quantitativa. Ou seja: a distinção feita anteriormente entre mudança qualitativa e mudança quantitativa colapsa diante da versão radical do fluxo. Crátilo talvez devesse responder que não é o caso de postular que tudo está mudando em todos os aspectos, mas, ao contrário, ele parece estar cada vez mais convencido disso. Logo, a conclusão é inevitável: “Não há conhecimento que conheça o objeto do conhecimento que não se encontra em nenhum estado” (440a5). Finalmente, em 440b: o próprio conhecimento precisa permanecer sendo conhecimento para existir. Em suma: o conhecimento exige ao menos três estabilidades, a saber, a do conhecedor, a do próprio conhecimento e a do objeto conhecido.

Como Crátilo continua irreduzível, se diz experiente em tal questão e reafirma a sua adesão à opinião de Heráclito (“quanto mais reflito e me ocupo com ela, tanto mais sou inclinado a aceitar a opinião de Heráclito”, 440e2), incitando Sócrates a refletir melhor sobre o assunto, então ele será obrigado, ao menos, a acatar a inegável conclusão que deriva do que acabara de ouvir: se de fato tudo muda constantemente em todos os aspectos, então não há nem conhecedor estável, nem objeto para ser conhecido. E mais: as palavras nunca serão naturalmente adequadas para dizer a realidade, pois, para que fossem, em última instância elas precisariam ser incessantemente cambiantes, ou, alternativamente, seria necessário usar um nome diferente a cada vez (o absurdo das duas situações dispensa comentários). Sua afasia passa a ser o único retrato possível, ou ao menos o mais fiel, da transformação de todas as coisas a fim de evitar a justa acusação de contradição performativa – falar que nada permanece usando um vocabulário que pressupõe existências minimamente estáveis que possam ser nomeadas – Crátilo silencia, e aponta. Em suma: na ficção cômica de Platão, Crátilo se cala por culpa de Sócrates.

Em suma, para retomar e concluir: no início do percurso, a palavra cratílca podia dizer tudo. Ela era um duplo da realidade, espelhando-a tal como é. À medida que Crátilo toma contato com os argumentos socráticos, a palavra vai se tornando, primeiro, uma imagem que pode guardar graus de deformação da realidade, e, finalmente, uma imagem decisivamente deturpadora da realidade, de modo que deve ser abandonada. A fala de Crátilo, então, se torna heracliticamente uma com o seu contrário: o silêncio, considerado a partir de então como a imagem mais capaz de retratar a realidade. Esse *elenchos* socrático é, todavia, de um tipo bem *sui generis*, haja vista que brota de um insucesso. Sócrates não consegue fazer Crátilo se desvencilhar de seu heraclitismo. Pelo contrário, é responsável por fazê-lo enredar-se cada vez mais em suas malhas. Porém, decididamente, faz com que ele seja mais coerente com a sua posição.

Sócrates, por sua vez, entre um Crátilo que pouco fala porque as palavras já podem dizer tudo e um Crátilo que silencia porque elas não podem dizer nada, parece querer assegurar a possibilidade de se falar. Talvez seja lícito afirmar com Aristófanes que

15 Esse argumento lembra significativamente a *Odisseia*, versos 455-460, onde Menelau está narrando a sua aventura com Proteu, esse monstro multiforme que vira leão, dragão, pantera, javali, água e árvore, e que é preciso agarrar com as mãos para fazer falar. Parece que Sócrates observa que, enquanto não se fixa, Proteu não fala porque de fato nada é.

16 A expressão utilizada na passagem citada logo antes, 439e, é o advérbio *medepote*.

Sócrates é um grande tagarela: ele recusa toda a mentira (ou toda a impossibilidade de verdade), mas também toda a verdade (ou toda a impossibilidade de mentira); ambas culminariam no silêncio cratílico.

### Referências bibliográficas

#### Fontes primárias

HERÁCLITO (2005). *Fragments Contextualizados*. Prefácio, apresentação, tradução e comentários de Alexandre Costa. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

PLATÃO (2003). *Cratyle*. Texte établi et traduit par L. Méridier. Paris, Belles Lettres.

PLATÃO (1998). *Cratyle*. Présentation et traduction inédite par Catherine Dalimier. Paris, G F Flammarion.

PLATÃO (2001). *Teeteto; Crátilo*. Tradução direta do grego de Carlos Alberto Nunes. Coordenação de Benedito Nunes. Belém, Editora Universitária UFPA.

PLATÃO. (1967). *Protagoras; Euthidème; Gorgias; Ménexène; Ménon; Cratyle*. Traduction, notices et notes par Émile Chambry. Paris, GF Flammarion.

#### Fontes secundárias

ADEMOLLO, F. (2011). *The Cratylus of Plato: a commentary*. Cambridge: Cambridge University Press.

BARNEY, R. (2001). *Names and Nature in Plato's Cratylus*, New York/London, Routledge.

CASERTANO, G. (2005). Discorso, verità e immagine nel Cratilo. CASERTANO, G. (ed.). *Il Cratilo di Platone: struttura e problematiche*. Napoli, Loffredo Editore.

CASSIN, B. (1987). Le Doigt de Cratyle. *Revue de Philosophie Ancienne*. Bruxelles, t. 5, n. 2.

GOLDSCHMIDT, V. (1940). *Essai sur le Cratyle: contribution à l'histoire de la pensée de Platon*. Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion.

MOURAVIEV, S. N. (1985). La première théorie des noms de Cratyle (essai de reconstruction). CAPASSO, M. et elii (eds). *Studi di filosofia preplatonica*. Napoli, Bibliopolis, p. 159-172.

PALUMBO, L. (2013). *Linguaggio e rappresentazione nel Cratilo di Platone*. Conferência realizada na PUC-Rio em 13/5/13.

NIGHTINGALE, A. W. (2002). Subtext and Subterfuge in Plato's *Cratylus*. MICHELINI, A. (ed.). *Plato as Author*. Leiden, Brill, p. 223-240.

SAUDELLI, L. (2011). *Heraclito Latino*. Rio de Janeiro, *Anais de Filosofia Clássica*, v.5, n. 9. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~afc/2011/Saudelli.pdf>>

SEDLEY, D. (2003). *Plato's Cratylus*. New York, Cambridge University Press.

Submetido em Maio de 2015 e  
aprovado em Junho de 2015.